

Participe da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural e compartilhe a sua história

_____ página 03



Fotos: Divulgação

Inscrições para a 3ª edição do projeto, vencedor do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 2010, estão abertas até 20 de junho



PEQUENOS OLHARES
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



_____ Confira na página 08

Entrevista: Fernando Cabral propõe gestão compartilhada e fortalecimento de parcerias à frente do Iepha

_____ páginas 06 e 07



Ricardo Barbosa ALMG

Painel de Yara Tupinambá ficará acessível ao público em novo espaço na ALMG

_____ página 09

**Impresso
Especial**

7397091256-DR/MG
IEPHA/MG

...CORREIOS...

Editorial

| **Prezados servidores,**

Ao completar 60 dias à frente do Iepha, quero fazer uso do editorial do nosso Bem Informado para deixar registrada, em poucas linhas, uma mensagem minha a todos vocês, servidores, que já me demonstram o quanto amam essa instituição e o trabalho que aqui desempenham com dignidade.

Sem fazer promessas, quero salientar que são preocupações nossas as condições de trabalho, o número de servidores na Casa, a questão salarial, alguns benefícios importantes que todo trabalhador tem e a Casa não tem. Isso tudo tem sido nossa preocupação, como também a questão da sede. Se nos unirmos no objetivo de alcançar a solução dessas preocupações, creio que vamos ter uma gestão muito positiva.

Não somos milagreiros. Costumo falar que meu papel em cada instituição que encabeço é mais ou menos o de um maestro. O Iepha é uma grande orquestra. A orquestra tem que gerar música e a música boa é gerada por bons músicos. Tenho certeza que aqui temos bons músicos e que esse entrosamento vai gerar boas músicas. Quero trabalhar em algumas premissas: paciência, perseverança e esperança. Viemos pra fazer uma administração compartilhada com o pessoal da casa. Não temos soluções mágicas, mas temos disposição bastante ferrenha, característica que faz parte da minha vida profissional.

Abraços,

Fernando Viana Cabral
Presidente

Nossa missão é garantir à sociedade a acessibilidade e a fruição do patrimônio cultural, por meio da preservação, valorizando e respeitando a diversidade cultural de Minas Gerais.

Peças Desaparecidas

A imagem de Nossa Senhora do Carmo, pertencente ao acervo da Igreja Matriz e Santuário do Senhor Bom Jesus, de Bonfim, foi furtada em dezembro de 2001.

Esculpida em madeira, policromada e dourada, a peça mede 0,65cm de altura, 0,29cm de largura e 0,18cm de profundidade. É datada de meados do século 19 e início do século 20.

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo fale conosco no site do Iepha/MG.



Divulgação

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia

Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária: Eliane Parreiras

Secretária adjunta: Maria Olívia de Castro e Oliveira

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Presidente: Fernando Viana Cabral

Vice-presidente: Pedrovaldo Caram Santos

Chefe de Gabinete: Danielle Faria

Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza

Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças: Mônica S. Grosso Avelino

Diretora de Proteção e Memória: Angela Maria Ferreira

Diretora de Promoção: Marília Palhares Machado

BEM INFORMADO - INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Edição e textos: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)

Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)

Diagramação: Ludymila Toledo

Fotos: Izabel Chumbinho

Impressão em papel Reciclado 90g/m² - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal

Impressão e acabamento: Rona Editora



Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG

Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br

Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Venha participar da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural

Segue até 20 de junho o prazo para municípios, instituições e agentes culturais inscreverem atividades e eventos para integrar a programação da 3ª edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. As adesões podem ser feitas pelo site www.jornada.mg.gov.br e as ações propostas deverão ser planejadas para acontecer entre 1º e 30 de setembro e estar relacionadas à preservação e divulgação do patrimônio cultural.

Ação pioneira no Brasil, a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural é uma iniciativa promovida pela Secretaria de Estado de Cultura, por meio do Iepha, desde o ano de 2009. Sua inspiração inicial foi a experiência francesa das *Journées du Patrimoine*, que, desde 1984, tem o terceiro final de semana de setembro repleto de atrações culturais voltadas à valorização do patrimônio e à mobilização popular em torno de sua preservação.

Em Minas Gerais, a Jornada é desenvolvida anualmente durante todo o mês de setembro e conta com 12 modalidades de participação (Educação Patrimonial, Restauração, Encontro de Grupos das Culturas Populares, Seminário, Curso/Oficina, Exposição, Festival/Feira, Apresentação de Grupos de Dança, Grupos Musicais e Teatro, Publicação e Visitas Guiadas/Patrimônio de Portas Abertas).

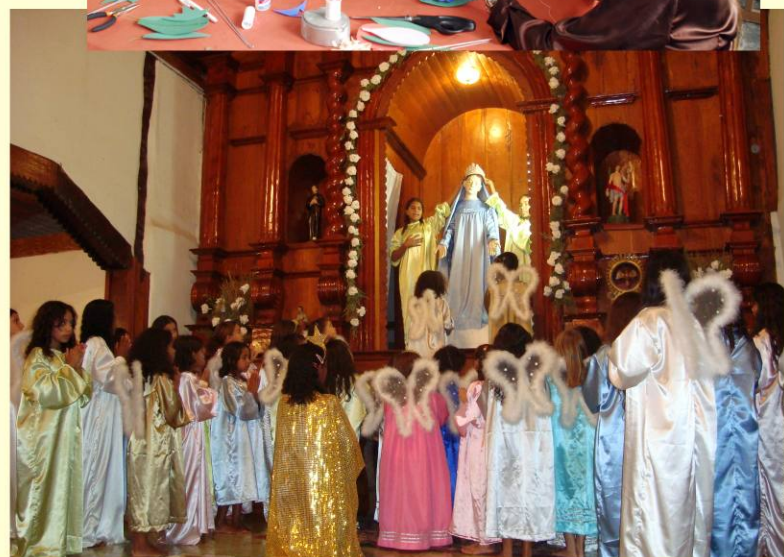
A ideia é que cada município desenvolva, junto à comunidade local, uma série de ações voltadas para a transmissão de valores culturais, resgate da memória e que sirvam de oportunidade para a sensibilização e o envolvimento da sociedade. "A Jornada é uma possibilidade de envolvimento da comunidade, no sentido de fortalecer a cidadania, o comprometimento com a preservação do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico de nosso estado", destaca o presidente do Iepha, Fernando Viana Cabral.

Nesta edição 2011, ano em que o Iepha completa 40 anos de atividades, o tema escolhido para a Jornada é *Quando a minha história conta a história de todos*. A expectativa é de que uma nova safra de ações inovadoras e criativas sejam desenvolvidas a partir do tema, dando visibilidade àqueles que, envolvidos com a preservação e valorização do patrimônio, vão construindo a nossa história, com suas ações.

| Iniciativa premiada

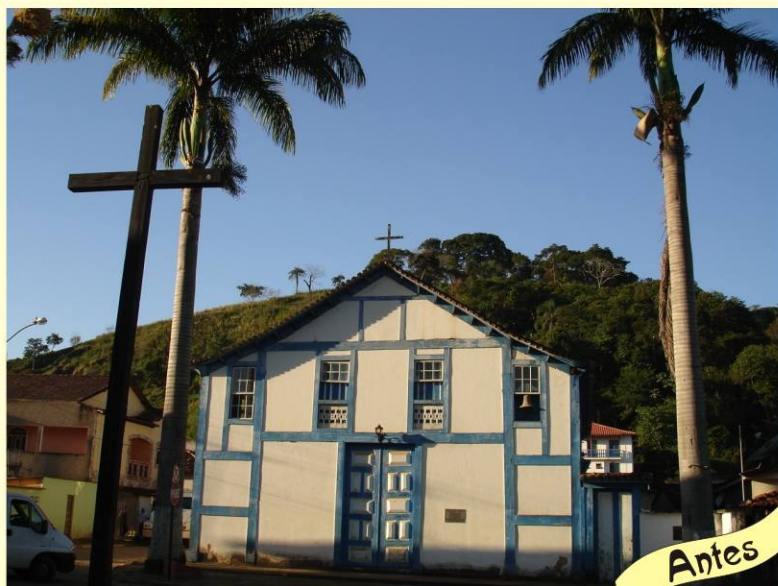
A Jornada deu tão certo que se tornou ação permanente do calendário cultural de centenas de municípios em todo o estado. O sucesso da primeira edição da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural foi, inclusive, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A estreia do projeto foi a ação vencedora, na Categoria Divulgação, do 23º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade – 2010, uma das mais importantes premiações da área.

Em suas duas primeiras edições, a Jornada alcançou marcas que superaram expectativas. Prefeituras e instituições culturais realizaram eventos dos mais diversos portes, que festejaram, refletiram e expressaram os valores culturais do povo mineiro, em uma grande celebração de sua riqueza e diversidade. Os números comprovam o sucesso: cerca de 1000 proponentes aderiram à ideia e promoveram mais de 2500 eventos em todo o estado, movimentando mais de 500 municípios mineiros.



De cima para baixo: Congado em Barbacena (2010), Visita guiada em Matias Barbosa (2010), Oficina de artesanato em Divinópolis (2009) e Coroação em Andrequicé, Três Marias (2009)

Uma capela, uma comunidade e muita fé



Recém-concluída, a restauração da Capela de Nossa Senhora do Rosário, em Piranga, foi significativa para toda a comunidade, mas para a família de dona Cacilda Nunes Fernandes teve significado especial. Quando dona Cacilda chegou a Piranga, mais de 60 anos atrás, a cidade era um grande descampado e a população, em sua maioria negra, era quase toda de membros de uma mesma família. A singela capela de Nossa Senhora do Rosário chamou sua atenção e, desde então, ganhou sua devoção.

A devoção de dona Cacilda, 99 anos, cresceu junto com a família e com a própria cidade. Durante todos esses anos, ela e os filhos vieram acompanhando as demonstrações de fé da comunidade. Clelinha, filha de dona Cacilda, guarda, em uma agenda, todos os fatos relacionados à história da capela.

Em fevereiro de 1988, após intervenção inadequada na tentativa de retirar o forro, o telhado da capela desmoronou. A comunidade sofreu bastante sem local para manifestar sua fé. “Foi um grande susto. Ouvi o barulho, corri e cheguei quando as pessoas estavam saindo de dentro da capela; quase que elas foram atingidas, era só fumaça e poeira”, relata Clelinha.



 Dona Cacilda e suas filhas acompanham e preservam a memória da capela



Fotos Acervo Iepha/MG

Durante um ano, o que restou da capela ficou exposto ao sol, chuva, vento e animais. “Quando não aguentávamos mais ver nossa capelinha daquele jeito, procuramos o padre. Como ele disse que não havia verba suficiente para as obras, nos unimos e organizamos a própria comunidade para conseguir o dinheiro”, revela Fatinha, outra filha de dona Cacilda.

A prefeitura cedeu trabalhadores para retirar o entulho de dentro da capela e, sob orientação do Iepha, os balaústres e altares foram cobertos por lonas para que não sofressem mais com as intempéries. “Nós ainda não tínhamos o dinheiro necessário e compramos as lonas fiado”, revela Hebe, filha mais velha de dona Cacilda. Entre barraquinhas, quermesses, rifas, bingos e doações, a arrecadação foi suficiente para fazer as obras. “No dia da inauguração foi uma grande festa, porque toda a comunidade ajudou com um pouquinho”, comemoram as irmãs.

| Reabertura será neste mês

Desde que o Iepha iniciou as novas obras de restauração na capela, em 2010, após uma infestação de animais xilófagos, as atividades religiosas da comunidade do Rosário foram suspensas. Mas nem assim a fé foi abalada. Mais uma vez foi necessária a união de todos para adquirir novos bancos, uma vez que os antigos não puderam ser recuperados. “Nunca imaginei que fôssemos conseguir essa restauração total, achei que perderíamos a igreja. Vê-la assim, toda bonita e recuperada, é muito mais que o meu melhor sonho. Agora temos uma grande responsabilidade que é mantê-la”, emociona-se Valito Porfirio, membro da comunidade do Rosário durante uma visita à obra.

E parece que a fé é contagiante. É unânime entre os operários – encarregado, técnico de segurança, carpinteiros, pintores, serventes e eletricitistas – o amor pela capela. “Nós tivemos muitos problemas com o madeiramento, quanto mais mexíamos mais problemas apareciam. Mas conseguimos manter a originalidade, fizemos um trabalho de arte”, resume José Geraldo Apolônio, o Coelho, encarregado da obra.

Além de restaurar a capela – a inauguração acontece no final deste mês –, o Iepha tem previsão de recuperar também seus retábulos e o altar.

Exemplar típico da arquitetura religiosa de Piranga

Delmarí Angela Ribeiro*

A singeleza construtiva da Capela de Nossa Senhora do Rosário, marcada pela trama estrutural, é de grande importância para a identidade piranguense e a preservação da memória de Minas. O monumento foi tombado pelo Iepha em abril de 1989.

A primitiva capela data de 1723 e foi reconstruída entre 1745 e 1765, ano da confirmação da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Arraial e freguesia de N. Sra. da Conceição de Guarapiranga. Realizou-se nova reforma em 1775 e a fundição de um sino, em 1789. Em 1823, é registrada “com decência” e uma inscrição de 1883, na arcada do coro, indica mudanças no frontispício e no coro que passa a ter piso mais elevado do que as tribunas.

Na década de 1980, para sanar o comprometimento estrutural, uma reforma, sem acompanhamento especializado, resultou em queda total do telhado da nave e danificação dos retábulos colaterais. Nos anos seguintes, a comunidade recuperou a edificação e reconstruiu o telhado, e os altares foram montados por equipe do Iepha.

Como é típico das construções religiosas, desde o setecentos no Vale do Piranga, seu partido é retangular e não apresenta torres. A nave central se articula com a capela-mor pelo arco-cruzeiro e duas naves laterais onde se sobrepõem as tribunas. A capela-mor é ladeada pela Capela do Santíssimo

e Sacristia. O frontispício apresenta composição tradicional comportada principal sobreposta por duas janelas rasgadas na altura do coro e duas janelas sineiras nas tribunas.

O interior é enriquecido pelo conjunto de bens móveis atribuídos a Mestre Piranga e de bens integrados onde se destacam os altares colaterais trabalhados com boa qualidade de talha e madeira policromada. Data de 1800 a pintura executada por Mestre Athayde dos três anjos e da cartela do baldaquino do retábulo de N. Sra. do Carmo e o seu douramento. O retábulo-mor é arrematado por tarja com coroa central, símbolo da irmandade do Rosário, e o camarim abriga a grande imagem da padroeira.

O Iepha contratou, em 2008, o projeto de restauração arquitetônica e dos três retábulos, os complementares e especiais. Em 2010, com recursos orçamentários do Iepha, a empreiteira Viotti Edificações Ltda começou as obras de restauração arquitetônica, execução de instalações elétricas, luminotécnico, instalação de sistema de prevenção e combate a incêndio e pânico, instalação de sistema de proteção contra descargas atmosféricas, instalações de alarme, sonorização, telefone e drenagem.

**Arquiteta da Diretoria de Conservação e Restauração do Iepha/MG*

Análise do ICMS chega à reta final

No dia 20 de junho, o Iepha libera o resultado provisório do ICMS Patrimônio Cultural Exercício 2012. Os municípios que discordarem da pontuação terão dez dias úteis para recorrer.

A legislação brasileira determina que 25% do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) arrecadado pelo Estado sejam repassados aos municípios. Em Minas Gerais, a legislação inclui, entre os critérios para distribuição do imposto, os investimentos realizados na preservação do patrimônio cultural.

O número de municípios participantes do ICMS Patrimônio Cultural cresceu mais de 500%, desde sua instituição em 1996. Dos iniciais 106, em 2010 foram pontuadas 700 cidades, e outras 16, mesmo não enviando a documentação, receberam pontuação por possuírem tombamentos em nível estadual ou federal. Este volume representa a participação de 84% dos 853 municípios mineiros.

Minas Gerais detém mais de 50% do patrimônio histórico brasileiro. Com a iniciativa pioneira e única no país, o Iepha elabora os critérios e analisa as documentações enviadas para o repasse dos recursos, além de prestar assessoria aos municípios mineiros para que, juntos, estabeleçam e implantem uma política de preservação do patrimônio cultural adequada às características de cada comunidade. Ao todo foram repassados às administrações municipais R\$ 407.063.033,58 durante os últimos 14 anos.

O Iepha busca, com o programa, atingir maior abrangência e a descentralização ampla da proteção do patrimônio de Minas, compartilhando com a sociedade a preservação do seu acervo. Para se ter uma ideia, um dos critérios para pontuação é a instalação de conselhos municipais de patrimônio cultural. Hoje já são mais de 600 em funcionamento no Estado, todos seguindo a metodologia adotada pelo Iepha.

Além disso, o ICMS Patrimônio Cultural proporcionou ao Instituto a criação de um grande banco de dados com informações históricas e arquitetônicas, fotografias e plantas sobre milhares de bens culturais tombados ou inventariados em nível municipal.

Os valores do repasse, estimados por ponto (que no último ano correspondeu a R\$ 15.371,00), podem garantir ao município uma verba extra para o orçamento das prefeituras, sendo que pelo menos 50% do repasse deve ser investido em patrimônio.

É importante ressaltar que a pontuação obtida não é um ranking, pois o objetivo do Iepha não é medir quem atua melhor ou pior nas políticas de preservação do patrimônio. O propósito da legislação que regulamenta o assunto é não apenas fomentar, mas também despertar os municípios mineiros para o trato da questão do patrimônio cultural.



Gestão compartilhada para garantir realizações



O novo presidente do Iepha, Fernando Viana Cabral, tem longa trajetória profissional essencialmente voltada à administração pública. Nos últimos 18 anos, foi secretário municipal de Administração do governo Patrus Ananias, presidiu a Beneficência da PBH, durante a gestão Célio de Castro, e esteve à frente da Secretaria Regional Centro-Sul nas duas últimas gestões municipais. É com essa rica bagagem, mas com disposição e energia de principiante, que Fernando Cabral assume a presidência, num ano emblemático, quando o Iepha comemora quatro décadas de atuação na preservação do rico patrimônio cultural mineiro.

O senhor chega ao Iepha vindo de uma experiência como secretário da Regional Centro Sul de Belo Horizonte, onde lidava com questões da gestão urbana. Em que medida essa bagagem facilita sua atuação no Instituto?

A questão do patrimônio, seja ele público ou privado, e espaços públicos, vem de encontro a uma considerável falta de educação de uma parcela significativa da sociedade. Ainda temos muita presença daquela cultura patrimonialista entre as pessoas, de que tudo pertencia ao rei. Essa cultura da era colonial gerou um certo raciocínio de que o rei era dono de tudo. Se algo era depredado, que se danasse, era do rei. Hoje o raciocínio é o mesmo, só que as variáveis são diferentes. Muitas vezes, um bem é vandalizado ou depredado, e não raro cai no seguinte raciocínio: 'ah, isso é um bem do município, é um bem do Estado, é um bem da União, não me pertence, nada tenho a ver com isso'. Ledo engano, o espaço público pertence a todos. Tudo o que é depredado tem os seus custos repassados para todos ou para parcelas da população. Não existe almoço grátis, alguém sempre está pagando, seja nos impostos, taxas ou serviços.

Com relação a patrimônio histórico, a coisa fica um pouco mais complicada. Quando se furta ou danifica uma árvore, claro que tem um custo, mas a gente planta outra. Agora, quando se depreda um patrimônio de valor histórico, de valor arquitetônico, nem sempre tem recuperação. É muito comum no nosso país, cidadãos e cidadãs colocarem no vidro de seus carros – eu amo NY, eu amo Paris, eu amo Londres. Esses cidadãos que amam essas cidades todas do exterior, não têm nenhum pudor de jogar uma latinha de refrigerante na rua, um papel amassado, às vezes até

garrafas. Ele acha muito bonito o patrimônio arquitetônico e histórico desses lugares, e esse patrimônio que ele ama nas capitais europeias existe porque foi conservado por um povo civilizado e educado.

E patrimônio histórico nós temos no Brasil também. O grande problema que vejo é a educação chamada educação patrimonial, ou seja, o ser humano proceder como cidadão. O patrimônio histórico, muitas das vezes, não pode ser substituído, não pode ser repostado. O grande mote é esse. Vem outro dogma: quem toma conta da cidade não é governo não, não é a polícia; é a população. Cabe a cada cidadão, quando vê alguma coisa errada acontecendo, no mínimo, informar às autoridades ou entrar em defesa do correto.

A educação patrimonial será fortalecida então em sua gestão?

Será uma das prioridades, até para valorizar o próprio trabalho do Iepha. O governo estadual está em vias de anunciar uma verba vultosa para vários projetos do Iepha, que estão sendo – ou serão – gestados. Além disso, o grande projeto que destaco é o Iepha encabeçar conteúdos de educação patrimonial que venham dar como consequência mudanças de comportamento, sem descuidar do que vem sendo feito pela Casa. Nós devemos ser ousados, no sentido de que esse projeto também deve ser compromisso da Secretaria de Estado da Educação. Isso já tem uma repercussão a médio e longo prazo. Acho que temos de dar capilaridade ao Iepha, mas com educação patrimonial mais eficiente. E isso, na minha experiência como professor, passa pelas escolas estaduais e municipais e as particulares em geral.

O senhor tem demonstrado acreditar que as parcerias são um caminho importante para a realização de ações do Iepha. Como esse viés será desenvolvido?

O Iepha já tem algumas parcerias importantes, mas nós temos que disseminar a missão do Instituto e comprometer outros parceiros. O patrimônio histórico do nosso estado – e é bom frisar que a maior parte do patrimônio histórico de nosso país está em Minas – tem muito a ver com turismo. É inadmissível que nós tenhamos turismo e preservação do patrimônio histórico de maneira desvinculada. Essa associação tem que ser melhor incrementada.

O senhor acredita que aproximando turismo e patrimônio histórico Minas pode atrair inclusive visitantes estrangeiros?

Minas Gerais tem uma desvantagem geográfica. O Brasil tem um litoral lindíssimo, que é concorrência bastante desvantajosa para as cidades mineiras. Tem a capital política que é Brasília, a capital econômica que é São Paulo. Rotineiramente, uma família que sai da Europa raramente tem endereço acertado para Minas Gerais. Assim sendo, nosso grande papel é dar capilaridade para o Iepha no Estado, e para o País, e prepararmos aqui, de maneira interessante, urbana, agradável, com acessibilidade a todo nosso patrimônio histórico, visando uma vitrine que vai acontecer que é a Copa das Confederações, a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Certamente, pessoas virão a Belo Horizonte, porque tem uma chave com time de seu país, sua região. Se tivermos aqui um patrimônio bem conservado, uma boa rede de informação e uma boa rede de urbanidade, essas pessoas, tenho certeza, no retorno, vão dizer: 'Fui a Belo Horizonte, fui a Minas Gerais, para assistir a uma competição esportiva, mas encontrei lá uma coisa tão belíssima no que se refere a patrimônio histórico, natural, arquitetônico, um povo educado, que reconhece meu idioma, que agora quero retornar com a minha família'. Nosso grande desafio realmente é esse comprometimento com o turismo, o empresariado, e a sociedade.

Em 2011 o Iepha está comemorando seus 40 Anos. Como essa data será marcada?

Uma maneira de interagir com a sociedade como um todo é realmente aproveitarmos a oportunidade dos 40 anos do Iepha – e também a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Vamos criar eventos para atrair a sociedade e mostrar a missão do Iepha, a educação patrimonial. Quanto às ações, estive na sede dos Correios, com o superintendente em Minas Gerais, e acertamos a elaboração de um selo, um carimbo comemorativo para os 40 anos da Instituição. Aliás, aproveitei para vender minha ideia, que o superintendente gostou muito: Os Correios ainda não têm um museu no país. Aquela agência central, na Av. Afonso Pena, tem tudo a ver com a instalação de um museu relacionado com a filatelia, a história dos correios no país.

Voltando aos 40 anos, já temos reservado o Palácio das Artes, com a apresentação da Orquestra Sinfônica, vamos ter evento no Palácio da Liberdade e nossa ideia é fazermos dos 40 anos uma sequência de eventos atraindo o público nos 12 meses em que vamos comemorá-los. A nossa grande tarefa é aproveitar esses 40 anos e dar capilaridade ao Iepha, arrumar outras parcerias e tentar comprometer a sociedade com a missão do Instituto, que é a preservação do patrimônio histórico de Minas Gerais.

O senhor citou a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Qual sua avaliação da iniciativa, que entra em sua terceira edição?

Quando tive conhecimento da Jornada, ela me fez lembrar muito da *École Ouverte*, a Escola Aberta, que é uma experiência que eu vivenciei na UFMG, na época em que eu trabalhava no Centro de Treinamento para Professores. O Centro Pedagógico tinha essa experiência, em que as famílias eram convidadas para atividades da escola juntamente com seus filhos. Posteriormente, levei isso para a Escola São Tomás de Aquino, que é particular, e tentei também na Escola Municipal Carlos Lacerda, onde fui professor, e na Escola Polivalente de Caratinga. Esse trabalho com a comunidade é imprescindível. O que eu acho fundamental na Jornada é que, primeiro, ela ratifica um compromisso com alguns atores, como os municípios que já têm uma atividade cultural, uma preocupação com preservação de seus bens tombados ou em processo de tombamento; segundo, publiciza e partilha esses bens com a sociedade.

Acho muito interessante a gente ter em Belo Horizonte, por exemplo, alguns prédios – como os do Circuito Cultural, o do Automóvel Clube etc – abertos de maneira sistemática para as pessoas compartilharem locais de história e arquitetura muito interessantes. A Jornada é uma possibilidade de envolvimento da comunidade como um todo no sentido inclusive de fortalecer a questão da cidadania, do comprometimento com o patrimônio histórico, artístico e arquitetônico de nosso estado.

Das quatro diretorias do Iepha, três são ocupadas por mulheres. Na gestão do governador Anastasia o contingente feminino também é grande. Temos uma mulher na presidência do país. O senhor considera essa uma conquista feminina?

Não diria que é uma conquista, e sim uma resposta. Nunca achei que mulher tinha que matar um leão por dia para alcançar destaque. Acho que antes havia preconceito e exceção, que impediam que as mulheres chegassem a postos de comando e de decisão. Sou de uma família essencialmente feminina, tenho duas irmãs. Minhas filhas, profissionalmente estão muito bem integradas. Nos lugares por que passei, sempre foi característica minha escolher as pessoas que acho mais adequadas e competentes. Por coincidência, eram mulheres. Nada a ver com uma questão de dar resposta a reivindicações não. É porque são pessoas mais eficientes, competentes, com perfil mais adequado. A única restrição que eu tinha na Prefeitura era de colocar mulheres no apoio à fiscalização. Mais por uma questão de preservação, não que a mulher não tenha competência. Aqui no Iepha, nem tinha percebido isso. Mas é questão de competência mesmo, perfil mais adequado e falta de preconceito de minha parte.

Um traço marcante do senhor parece ser a determinação e a energia para gerir a instituição.

Peço a Deus que continue me iluminando, que me dê saúde e inteligência para, junto com a casa, superar os desafios. Nunca tive medo de reiniciar minha vida profissional. Estou aqui reiniciando mais uma vez. E meu tom de reinício é sempre o mesmo. Sempre jogo minha energia como se fosse minha última experiência. Como já estou vacinado contra grandes alegrias e grandes tristezas, sei perfeitamente da falibilidade nossa, estou preparado para sucessos e fracassos. Mas todas as vezes que tiver fracasso, pelo menos para mim, vou ter certeza de que tudo que tinha para ter sido tentado e feito, foi tentado e feito. Não me dobro muito a negativas à primeira vista. Tenho de ouvir esses “nãos” várias vezes para acreditar. Sou muito movido por sonhos. As pessoas falam que viajo muito fácil, mas é esse viajar fácil que tem me possibilitado algumas conquistas.



PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

| Academia Mineira de Letras – Belo Horizonte

O pequeno olhar desta edição é o guarda-corpo vazado em alvenaria, trazendo elementos decorativos fitomorfos, encontrado na fachada frontal do palacete que abriga a sede da Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte.

De características ecléticas, a edificação foi construída em 1923, para servir de residência para a família do médico carioca Eduardo Borges da Costa. O projeto é atribuído ao arquiteto Luiz Signorelli. O palacete é considerado um dos melhores exemplares da arquitetura residencial de Belo Horizonte da época ainda integralmente preservado.

Desde 1986, a casa abriga a Academia Mineira de Letras e conserva muitos dos elementos ornamentais do período de sua inauguração, como escadaria, vitrais, lustres, portas, forros, pisos e um rico mobiliário. Em 1990, a edificação ganhou um anexo projetado pelo arquiteto Gustavo Penna.



Arquivo Iepha/MG



BLOCO DE NOTAS

| Bem Informado disponível online

A partir de agora as edições do *Bem Informado* estão disponíveis para consulta no portal do Iepha. O jornal foi criado em 2007, inicialmente voltado apenas para o público interno. Em maio de 2008, teve a tiragem ampliada para que prefeituras, conselhos de patrimônio, bibliotecas, instituições estaduais, faculdades de Arquitetura, Engenharia e História, órgãos de patrimônio e interessados no assunto possam acompanhar o trabalho desenvolvido pelo Iepha.

Agora, em versão eletrônica, a publicação pode alcançar um público ainda maior. Além disso, o instituto poderá atender a muitas demandas de instituições e prefeituras por edições passadas, a maioria delas já esgotadas.



Todas as edições do *Bem Informado* estão disponíveis no endereço: www.iepha.mg.gov.br/publicacoes--links/iepha

| Quatro décadas de atividades

Em 2011, o Iepha comemora 40 anos de sua fundação. Muitas ações comemorativas estão programadas, envolvendo não só o corpo técnico da instituição, mas também a comunidade. Serão 12 meses de comemoração, começando em setembro próximo e se estendendo até setembro do ano que vem.



Uma logomarca comemorativa, alusiva aos 40 anos, foi criada pelo servidor da Diretoria de Promoção, Rodrigo Faleiro, e já está sendo usada em todo o material de papelaria e de divulgação do Iepha.

| Presidente do Iepha é aprovado pela ALMG

Fernando Viana Cabral foi sabatinado neste mês pela Comissão Especial da Assembleia Legislativa de Minas Gerais criada para apreciar a sua indicação pelo governador Antonio Anastasia para assumir a presidência do Iepha.

Cabral falou sobre a atuação do Instituto e as dificuldades que enfrentará como presidente aos membros da Comissão, deputada Rosângela Reis e deputados Paulo Lamac e Ivair Nogueira. A comissão aprovou o parecer favorável do deputado Paulo Lamac, que frisou que o currículo do indicado e sua experiência evidenciam seu preparo, atendendo às exigências do cargo.

Registro artístico da história mineira fica acessível ao público

Uma das mais completas representações artísticas sobre a história e o desenvolvimento das Minas Gerais está prestes a ganhar destaque em novo espaço e voltar de vez aos olhos do público, após 15 anos praticamente oculta. Parte do acervo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, o painel em azulejos *Do Descobrimento ao Ciclo do Café*, da artista mineira Yara Tupynambá, será transposto de paredes de gabinetes parlamentares, onde se encontra fragmentado, para um espaço cultural apropriado na casa legislativa.

A transposição e reunificação das partes da obra foi pactuada em um protocolo de cooperação técnica, assinado no final de abril, por representantes da ALMG, Iepha/MG, Diretoria de Patrimônio Cultural da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, Instituto Yara Tupynambá e pela própria artista. Ela lembra que a obra, de 1973, foi encomendada em duas peças contínuas (9mx3m e 7,8mx3m) para ocupar as paredes paralelas do antigo restaurante da Assembleia Legislativa que, aberto ao público, era um dos mais elegantes e movimentados espaços culturais da cidade na época.

Yara explica que a amplitude do local possibilitava a leitura contínua das peças como painel único, retratando a chegada das caravelas ao Brasil, as cidades históricas mineiras, os ciclos do ouro e do café, a Inconfidência Mineira, dentre outras passagens da história de Minas Gerais. Com o fechamento do restaurante em 1996, o espaço foi readaptado e subdividido para abrigar gabinetes parlamentares, impossibilitando que as metades do painel fossem vistas em conjunto e tornando a obra inacessível ao grande público.

A história ganhou uma reviravolta quando, em abril de 2010, a Diretoria Municipal de Patrimônio Cultural de BH tombou este e outros seis grandes painéis da artista espalhados pela cidade. A partir daí, ficou clara a necessidade de se recuperar o sentido unitário da obra, além do destaque e de sua finalidade original de contar ao mineiros a trajetória histórica do Estado.



Ricardo Barbosa / ALMG

No acordo de intenções para a transposição do painel, a ALMG se responsabiliza pela contratação de empresa especializada para realizar o trabalho, que terá acompanhamento e fiscalização do Iepha e da Diretoria Municipal de Patrimônio. O diretor de Conservação e Restauração do Iepha, Renato César de Souza, explica que inicialmente está sendo realizado um diagnóstico para avaliar qual a melhor intervenção a ser adotada. "Não é um trabalho fácil, mas é muito interessante e desafiador se detectar a melhor forma de deslocar as obras sem danificá-las", conta.

Para Yara Tupynambá, devolver a obra ao público será da maior importância e, montado contínuo, o painel ficará ainda mais bonito. "Um trabalho feito com uma finalidade, uma visão específica, de repente é fragmentado e assume uma forma inadequada, muito diferente da forma ou do sentido criado pelo artista. Para este painel especificamente, a transposição será a recuperação de sua dignidade", acredita.

Referência na arte contemporânea



Natural de Montes Claros, Yara Tupynambá, que estudou com Guignard e Goeldi e foi bolsista da Pratt Institute, em Nova York, é referência na arte contemporânea no Brasil e no mundo. Todo seu trabalho gira em torno de Minas, suas temáticas e seus ícones. "Gosto de passear pela Minas histórica, industrial, literária, pela popular, a filosófica, a religiosa e geográfica, com seus cenários e paisagens tão característicos", conta.

São mais de três mil quadros no mercado mundial, sem contar todo o trabalho de produção gráfica e editorial que garante um alcance ainda maior de sua obra mundo afora. Mas o coração da artista parece bater mais forte é pelos grandes painéis. Segundo seus cálculos, são 92 espalhados pelas mais diversas cidades. Parte da paixão, ela explica, vem do desafio. "Um mural não é algo fácil de se fazer porque, para mim, ele se apoia em três vértices fundamentais: desenho, conhecimento histórico e esforço físico. É preciso focar o tema, estudá-lo em profundidade e ter uma energia incrível para executá-lo, porque o trabalho demanda do corpo um esforço fenomenal".

Juntamente ao painel que será transposto na ALMG, os outros seis murais tombados pelo município de Belo Horizonte em 2010 são: *Ciclo do Diamante*, na Receita Federal/Ministério da Fazenda; *O Trabalho Humano*, na Fundep; *Pelos Caminhos de Minas* (ou *Da Descoberta da Terra ao Ciclo Siderúrgico*), no Tribunal de Contas do Estado; *A Inconfidência Mineira*, na Reitoria da UFMG; *Desbravamento do Rio São Francisco*, na Faculdade de Educação/UFMG; e *Entradas e Bandeiras*, no Serpro.

Educação patrimonial: metodologia específica para cada público

Adriana Quirino de Oliveira*
Pedro Gaeta Neto**



Acervo Iepha/MG

A elaboração de um projeto de educação patrimonial exige que tenhamos foco em três questões fundamentais: a metodologia – como serão empreendidas as atividades, com seus pormenores e etapas, o público alvo – com quem desenvolveremos as atividades, e a equipe técnica – pessoal capacitado para desenvolver todo o processo de educação patrimonial. O envolvimento da equipe técnica em todo o processo – elaboração e execução –, considerando evidentemente as características do público alvo, é uma garantia irrefutável para resultados satisfatórios.

O recurso instrumental metodológico é uma escolha da equipe técnica, que poderá recorrer às inúmeras correntes didáticas e pedagógicas. Independentemente disso, o que deve conter o projeto é a explicação pormenorizada de como será a execução do tema escolhido: quais os caminhos que serão utilizados nesta construção- sensibilização. E para a escolha do tema, considerar conhecimentos/saberes e afinidades do público alvo com os bens culturais que compõem a comunidade onde vivem, é algo que não pode ser desprezado em hipótese alguma.

Assim sendo, o público alvo tem de ser entendido com suas características peculiares pela equipe técnica, tendo em vista que o embasamento conceitual, informações textuais e preparo das atividades têm endereço certo. Assim como a estrutura educacional divide em seguimentos ou séries os grupos de estudantes, considerando faixa etária e nível adequado de compreensão dos conteúdos ensinados, espera-se da educação patrimonial, ou melhor dizendo, dos atores desse processo, que considere uma atuação semelhante, mesmo porque, muitos dos atores também são professores nas redes educacionais. Da mesma forma, grande parte dos trabalhos de educação patrimonial desenvolve-se numa categoria formal, valendo-se das estruturas institucionais escolares, sendo a ação educativa um dos pilares essenciais na preservação, muito

embora, mesmo na educação patrimonial não formal, os parâmetros que envolvem níveis de conhecimentos e compreensão sobre o assunto patrimônio cultural jamais poderão ser de pouca relevância – as características do público alvo norteiam o perfil do projeto.

Hora oportuna para reabilitarmos atividades com a Secretaria de Educação, que nos rendeu uma primorosa publicação, e estabelecer também parcerias com outras instituições, aproveitando experiências acumuladas, adicionando novos valores advindos de nossa autocrítica e atuação prática da rotina patrimonial, acrescentando, também, as novas experiências do quadro de pessoal que a cada ano vem compondo nossa instituição. Precisamos, talvez, de um projeto de amplitude maior do que já fizemos, algo num nível de pós-graduação, onde os professores tenham a oportunidade de ampliar o conhecimento na questão do patrimônio cultural, com ênfase na educação patrimonial e lhes proporcionando a chance de elevarem os níveis em suas carreiras profissionais, com repercussão na grade escolar, consolidando aquilo que já está escrito nos parâmetros transversais.

Nesse momento propício à reflexão das ações executadas pela Gerência de Difusão, no que tange à sensibilização para preservação, faz-se necessário o uso de tecnologias e redes sociais, como educação à distância, *blogs*, *twitters*, para dar maior acessibilidade às informações pertinentes à difusão do patrimônio cultural, tendo como principal objetivo alcançar e fomentar a participação de todos envolvidos na fruição desses bens culturais, sendo a preservação o produto de uma escolha de determinada comunidade.

* Gerente de Difusão

** Analista de Gestão, Proteção e Restauro

Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, em Milho Verde

O bem tombado focado este mês está localizado em Milho Verde, distrito do Serro. Trata-se da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, tombada pelo Iepha em 1980. Não há muitas informações sobre a construção da edificação, mas sabe-se que, em 08 de outubro de 1781, a pedido do capitão José de Moura e Oliveira, veio a ser instituída no lugar – freguesia da Vila do Príncipe – uma capela sob a invocação de São José.

Não se sabe se a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres seria a mesma capela, porém tendo o padroeiro alterado; ou se trata-se de uma nova edificação. Nunca foram encontrados documentos esclarecedores, sabendo-se apenas que Auguste de Saint-Hilaire, em suas anotações durante sua visita a Milho Verde em 1817, referiu-se à existência de apenas uma igreja na localidade.

A primeira referência a esse templo com o nome de Nossa Senhora dos Prazeres data de 1821 e é de autoria do então bispo de Mariana, dom Frei José da Santíssima Trindade, que assim o registrou em seu livro de Visitas Pastorais.

Por volta de 1866, a Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres se encontrava em péssimo estado de conservação. O governo da província determinou sua reforma com recursos oficiais. Mais tarde, entre 1885 e 1887, novos reparos foram executados na igreja pelo carpinteiro José Félix de Souza, conforme recibo registrado no livro da Fábrica da Matriz de Milho Verde, que se encontra no Arquivo do Palácio Arquiepiscopal de Diamantina. Outras restaurações vieram a ser realizadas, especialmente em 1909 e após 1961.

O templo é uma edificação simples, em adobe e madeira, composta por nave, capela-mor e duas sacristias laterais opostas às paredes da capela-mor. Sua arquitetura possui características rurais, que lhe conferem identidade própria no panorama geral das edificações religiosas mineiras. Entre essas peculiaridades, chama a atenção o curioso sistema de sineira anexa à fachada lateral esquerda, formando pequena varanda de madeira suspensa em pilares e com cobertura de telhas para proteção dos sinos – uma solução rústica para a ausência de torres.

Apesar do aspecto geral de despojamento, o interior da igreja é um dos mais interessantes da região do Circuito dos Diamantes, por conservar, quase intactas, as características primitivas há muito desaparecidas na maioria das igrejas coloniais mineiras, inclusive pisos em campas, bancos maciços de madeira, púlpitos com escada de acesso aparente e confessionários conjugados às balaustradas da nave.

Os trabalhos em talha são igualmente simples, mas de boa qualidade, abrangendo, além dos altares, os balaústres de madeira torneada e os púlpitos e arco-cruzeiro policromado. Possui três conjuntos de retábulos, sendo que o do arco-cruzeiro, possivelmente o mais antigo, conserva ainda a policromia original. Em seu interior, imagens de Nossa Senhora dos Prazeres, de São Miguel e também uma Pietá inacabada lhe conferem uma atmosfera religiosa própria.



Acervo Iepha/MG

| Localização

O pitoresco distrito de Milho Verde está localizado a 25 quilômetros do Serro e a 32 de Diamantina. A origem do nome ainda é um mistério. Existem duas versões mais aceitas para o surgimento da denominação: uma delas é de que o nome teria sido dado em homenagem ao português Rodrigo Milho Verde, um antigo morador local. Outra versão conta que os bandeirantes, ao chegarem à região, foram presenteados com várias espigas de milho verde dadas pelos índios que lá habitavam.



Carlos Carrillo



Auxiliadora dos cristãos

Esta invocação mariana encontra suas raízes no ano de 1571, quando Selim I, imperador dos turcos, após conquistar várias ilhas do Mediterrâneo, lançou seu olhar de cobiça sobre toda a Europa. O Papa Pio V, diante da inércia das nações cristãs, resolveu organizar uma poderosa esquadra para salvar os cristãos da escravidão muçulmana. E, para enfrentar esse combate católico, invocou o auxílio da Virgem Maria.

Dom João, príncipe austríaco, comandou os cristãos na batalha do Porto de Lepanto. O Papa Pio V enviou para o Imperador uma bandeira, na qual estava bordada a imagem de Jesus crucificado. A preparação dos soldados consistiu em um tríduo de jejuns, orações e procissões, suplicando a Deus a graça da vitória, pois o inimigo, segundo sua crença, não era apenas uma ameaça para a Igreja, mas também para toda a civilização. Tendo recebido a Santa Eucaristia, partiram para a batalha.

No dia 7 de outubro de 1571, invocando o nome de Maria – Auxílio dos Cristãos, os soldados travaram dura batalha nas águas de Lepanto. Três horas de combate foram necessárias. A vitória coube aos cristãos que, ao grito de "Viva Maria", hastearam a bandeira de Cristo. Afastada à perseguição maometana, o Santo Padre demonstrou sua gratidão à Virgem acrescentando nas ladainhas loretanais a invocação: Auxiliadora dos Cristãos.

No entanto, a festa de Nossa Senhora Auxiliadora só foi instituída em 1816, pelo Papa Pio VII, a fim de perpetuar mais um fato que atesta a



intercessão da Santa Mãe de Deus: Napoleão I, empenhado em dominar os estados pontifícios, foi excomungado pelo Sumo Pontífice. Em resposta, o imperador francês sequestrou o Vigário de Cristo, levando-o para a França. Movido por ardente fé na vitória, o Papa recorreu à intercessão de Maria Santíssima, prometendo coroar solenemente a

imagem de Nossa Senhora de Savona logo que fosse liberto. O Santo Padre ficou cativo por cinco anos, sofrendo toda espécie de humilhação.

Uma vez fracassado, Napoleão cedeu à opinião pública e libertou o Papa, que voltou a Savona para cumprir sua promessa. No dia 24 de maio de 1814, Pio VII entrou solenemente em Roma, recuperando seu poder pastoral. Os bens eclesiásticos foram restituídos. Napoleão viu-se obrigado a assinar a abdicação no mesmo palácio onde aprisionara o velho pontífice.

Pode-se afirmar que a invocação de Maria como título de Auxiliadora teve um impulso enorme com Dom Bosco; foi ele que ensinou aos membros da família salesiana a amarem Nossa Senhora, invocando-a com este título. Ficou tão conhecido o amor do Santo pela Virgem Auxiliadora que ela passou a ser conhecida também como a "Virgem de Dom Bosco". Escreveu o santo: "A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar todos juntos um dia no Paraíso".

FONTE:

<http://denominaesdenossasenhora.blogspot.com/2009/03/nossa-senhora-auxiliadora.html>

http://www.cademeusanto.com.br/NS_Auxiliadora.htm

<http://blog.cancaonova.com/fatimahoje/2009/08/31/nossa-senhora-auxiliadora-2/>



Reprodução